

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1246	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	5950	5120	10 de Agosto de 1913	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

CRONICA OCCIDENTAL

Lisbõa toma um aspeto de desolação. Dir-se-ia que o ceu derrama implacavelmente sobre esta linda cidade uma chuva fulva de fogo e cinza.

Em pleno dia, os transeuntes correm, a pequeninos passos, ofegantes, esbofados, como aves, a leves pauros, que vão cair de insolação.

As canículas começam de latir.

Nos cafés, os clientes são raros, e sobre as mesas redondas as mesmas caras amodorradas, raiadas de bilis, inexpressivas de tédio, que assomam á raiz duma penca languida uns olhos tristes e mortiços. E esses olhos vão boiando vagamente na espiral azul e flutuante do fumo do cigarro e visionam ao longe — sei lá! — amigos que digressionam por Vichy ou Nice, camaradas que amenamente calcurriam as areias das Póvoas, parentes que veraneiam pelas quintas uberrimas da Beira, ou umas primas que repoisam as cloroses na Ericeira ou na Parêde...

A' noite, os teatros estão desertos e sente-se que as moscas reprovam com ruído discreto as pantomimas pelintras dos pisa-palcos. Os animatógrafos re-têm mais vida, é certo; na penumbra, a cada canto, as poucas-vergonhas súam.

Sómente, nos largos jardins, ao sereno, o povo miudinho sabe divertir-se. Os bancos regorgitam de gente. Velhoros, ainda vigorosos, com tipo de contínuos aposentados, comparam o presente com o passado e discutem conscienciosamente sobre o futuro. Mães-de-familia reúnem-se em grupos, ligadas por amizades que contrairam na cohabitação do mesmo predio ou convivencia da mesma rua e falam as estopinhas, comentando resoluções dos maridos, sublinhando, com frouxos de riso, episodios de interiores e luxos baratos de visinhas.

As meninas casadoiras andam em picadeiro, na rotina do jardim, enviezando olhares curiosos e espectantes para os rapazes geitosos que passam.

Detêm-nos comovidamente a atenção as creanças, muito petizas, mas já esper-tas e ladinas, ainda, comtudo, inocentes, que correm em rondas de danças populares, erguendo no espaço calmo e perfumado, cantorias ingenuas, e melancolicas. Só esta despreocução felicissima —

que de coração desejo conservem sempre — dá uma tonalidade de encanto e frescura áquele ambiente vicioso e calido.

E nisto se resume Lisbõa por este implacavel tempo de suor e tédio.

As gazetas da nossa amiga cordealissima e vizinha Espanha tem desenhado a manchas sombrias os episodios dos ultimos acontecimentos de Lisbõa. Ainda que os seus comentarios sejam dema-

siado severos e cheguem por vezes ao azedume, e as opiniões transponham os limites duma razão plausivel — a atitude da imprensa espanhola nada tem para nós de estranho. Dadas as melindrosas condições politicas em que a Espanha se encontra, actualmente, o juizo formado, a nosso respeito, pelo seu jornalismo governamental e conservador, orientado nos seus interesses de momento — não podia ser outro, nem melhor. A sua atitude está, pois, logicamente traçada.



VISCONDE DE FARIA, CONSUL DE PORTUGAL EM LAUSANNE

Assim, sobre o assunto, são superfluas todas as nossas considerações, e quixotesca a indignação revelada ultimamente pelos nossos jornais. As nossas ressentidas palavras movem a uma resposta arazoada, esperada, unica, que transparece nitidamente arestas de ironia através da simulação diplomatica.

Que podia, pois, responder o sr. Romanones?

Simplemente isto... «Ha talvez exagero na noticiação e comentario que a imprensa espanhola faz dos ultimos acontecimentos de Lisboa. Mas se exagero ha, é devido unicamente á censura rigorosa que enreda a imprensa portuguesa.

«De resto, o governo espanhol não tem outro fito, nem outro desejo que não seja manter, com toda a lealdade, a cordealidade das relações dos dois povos amigos...»

A cordealidade!

Na verdade, esta palavra, essencialmente diplomatica, foi notavelmente sublinhada pela nação, nossa amiga e vizinha, no decurso acidentado dos ultimos anos politicos. Não ha duvida.

Poderia, agora, tomar outra fórma e orientação a imprensa espanhola? Não. Está dentro do determinismo dos seus interesses mentais e sociais.

Em geral, a imprensa estrangeira ainda não desmanchou esta malavinda atitude de resmungo e hostilidade surda. Só quem não na lê e com interesse, dia a dia, não na vai arquivando — é que desconhece ou póde esquecer as insinuações malignas, e as considerações tendenciosas de que borda a existencia da nossa pobre nacionalidade. Haja em vista, como, a proposito dos ultimos incidentes politicos de Lisboa, certa imprensa parisiense, decerto pouco escrupulosa, forja telegramas terroristas, situações funebres, gestos de tragedia, massacres, sublevações sangrentas e pronunciamentos em massa...

Nós-proprios, que presenciámos o deslizar dos acontecimentos, assistimos ao seu desenlace, ficámos, ao lêr as fatídicas noticias, possessos de terrôr pânico, desvairados de espanto e só nos tranquilisámos suavemente, sorriso meigo nos labios quando, emfim, chegámos a verificar, do nosso varandim, que o *Tejo era sereno, subtil a viração*, eternamente azul o nosso lindo ceu, e duma alegria pacata, inalterada, os transeuntes...

Mas — sejamos francos — esta imaginação desgrenhada do estrangeiro, estimulada, a cada momento, ainda pelos mais innocentes episodios da nossa vida nacional, se tem, por vezes, no fundo, a animal-a assolapada maldade e intuitos duvidosos, é por vezes tambem muito natural. Não iremos agora explanar os motivos multiplos e varios que a justificam.

Toda a luta politica da nossa nacionalidade se concentra e irrita e desvaira na sua capital.

A provincia observa calada e anciosa. Desde as ultimas tentativas de sublevação monarchica que a minava ameaçadoramente, com o desfechar desgraçoso e desgraçado dos aprestos insurreccionaes, pretendeu desligar-se da malha traiçoeira da politica central e com

bõa vontade se dispoz aos interesses de municipio. Assim agisse sempre.

Isto não quer dizer que por aqui não existam elementos perturbadores da bõa ordem, que mais reflitam paixões de partidos que amor do bem-publico. Em tanto, as pequeninas escaramuças succedentes restringem-se ao ambito domestico e não passam alem do soalheiro.

Todavia, nestes ultimos menses — dias de expectativa ofegante e dolorosa anciedade — quando em Lisboa decorriam os tumultuarios acontecimentos que os jornais referiram, o povo-miudo desenvolveu uma efervescente imaginação, tão de terrôr e horrôr, como a do estrangeiro que nos inquieta nos relatos dos periodicos.

No seu entendimento confuso, lavrava por Lisboa um temeroso terremoto de odios e havia devastação de incendios nos edificios publicos. A Cidade do marmore e do granito era explorada surdamente por longos rastilhos de polvora que explodiria no momento previamente combinado.

Lá, as covardes bombas-de-dinamite rebentavam, de subito, num estrondo que derruia abobadas e cavava sorvedouros, sob os pés do transeunte desprevidido.

E das raizes destas almas primitivas erguia-se irreprimivelmente uma cólera desesperada que ia quasi a exigir, para punição dos criminosos, patibulos pelas esquinas...

ANTONIO COBEIRA.

P. S. — Ao revermos estas provas vozes animadoras desanuviavam o espirito publico, por algumas horas ensombrado, com o saber da doença subita e alarmante do venerando presidente da Republica. Horas de anciedade. Felizmente os boletins medicos, afixados á porta do paço, principiaram a tranquilisar o publico que ali acorrera.

Os diplomatas estrangeiros repetiram suas visitas informando-se, com interesse, do estado do enfermo. O ministerio chegou a reunir-se e o sr. presidente do governo quasi não desamparou o paço, onde constantemente acode toda a gente grada a deixar os seus cartões. De toda a parte chegam inumeros telegramas.

Felizmente os boletins continuam a afirmar as melhoras de Sua Ex.^a e os espiritos reanimam-se na firme esperança do perigo desaparecer.

E' bem crédor de todos estes cuidados o venerando Chefe do Estado.



Visconde de Faria

Tardía, não é menos vehemente a homenagem que hoje prestamos aos altos meritos de espirito e esforçado coração de patriota, do sr. Antonio de Portugal de Faria.

Na verdade, o consul português, em Lausanne, tão illustre por tão grandes e justos titulos de gloria, o sr. Visconde de Faria, ainda mais e mais adquire jus ao nosso respeito e gratidão por uma lista comprida de serviços prestados á Patria — pergaminhos preciosissimos de trabalho a juntar aos seus pergaminhos nobiliarquicos — e por esse carinho vigilante com que impõe no estrangeiro o nome de Portugal.

Assim, não é mera figura decorativa que a nossa nacionalidade projectou pelas estranhas — para represental-a; tambem não é um apaniguado

que um gabinete politico lá fóra colocou para servir interesses partidarios e orientar ao longe as intrigas das camarilhas. Não.

O sr. Visconde de Faria olha, de longe e de alto, as flutuações da politica interior, para abranger os interesses do país que representa e é sua patria estremecida. As modificações que a forma de governo da nacionalidade porque véla e trabalha, vai sofrendo necessariamente através dos tempos, não o podem preocupar, nem muito menos, desviar da sua linha de conduta séria que previamente traçou e se impôs.

O cargo honroso de consul é tomado por ele na sua justa responsabilidade e verdadeiro fim. E' menos politico que economico. A função que assumiu, consiste sempre em velar pela prosperidade publica do seu país, fazendo cumprir os tratados e convenções que a diplomacia dispôs, estudando os mercados estrangeiros, e neles ativamente a venda e a propaganda dos produtos nacionais.

E' assim que S. Ex.^a compreende a sua missão. Não se limita, porém, a isto. O grande amor que nutre pela patria, indica-lhe meios de mais e ainda melhor a servir.

Por onde tem passado, a sua presença tem sido assinalada por um alto patriotismo que nos seus minimos gestos e mais modestas acções se revela sempre.

Consoante uns dados biograficos que temos em vista, o sr. Visconde de Faria, depois de finalizar os estudos no Collège Stanislas de Paris, onde teve por camarada Mgr. duque d'Orléans, foi nomeado, tendo 13 annos de idade, Elève-Chancelier do consulado geral de Portugal em Paris (1882-1885). Desde então, a sua carreira publica é ovante e brilhantissima: — Chanceler e em seguida vice-consul de Portugal em Cadiz (1886-1891), consul em Montevideo (Uruguay) (1891-1896), em Livourne (1896-1911), secretario do Commissariado Nacional de Portugal junto á Exposição Universal de Paris, em 1900, e membro do juri internacional, e, emfim, a 13 de fevereiro de 1911, consul em Lausanne onde se encontra presentemente.

De passagem pelas mais diversas regiões, a sua personalidade tem radiado uma influencia benéfica, e os seus actos de vida publica caracterizam-se por um entranhado amor á patria e humanidade.

Em Cadiz, pleiteou, com exito, a causa dum capitão de navio de grande pesca, que era de nacionalidade portuguesa.

Em Montevideo, por ocasião do conflito que se alevantou, em 1894, entre Portugal e Brasil, quando acontecimentos politicos obrigaram 600 exilados brasileiros da marinha a refugiarem-se a bordo das corvetas portuguesas, ancoradas, primeiramente, na zona das aguas territoriais da Argentina, e em seguida na do Uruguay, o sr. Visconde de Faria cumpriu rigorosamente, sem hesitações, os seus deveres profissionais, tão dificeis em tão dificeis circunstancias — o que justificou as felicitações do seu governo e do almirante Castilho.

Em Livourne, onde foi construido o cruzadôr português — *Adamastór* — a sua vigilancia patriótica prestou activa e valiosissima colaboração.

Mas — como dissemos — não se limita a isto, mais e melhor procura servir a sua patria.

O sr. Visconde de Faria dedica-se especialmente a investigações historicas. Por todas as cidades em que, no exercicio do seu cargo, estaciona, ele vai rebuscando, e metodosamente documentos que esclareçam, não sómente as multiplas relações que tenham existido, no passado, entre Portugal e a nação onde, acaso, provisoriamente se encontra, mas tambem essas personalidades antigas portuguesas que a lenda desfigurou e a historia não conhece perfeitamente.

Assim, nesta orientação, tem publicado curiosos e importantes estudos sobre Portugal e Cadiz, Portugal e Argentina, Portugal e Uruguay, Portugal e Paraguay, Portugal e Suissa, Portugal e Italia. No seu livro recente — *Simple Aperçu* — explanou, com brevidade e concisão, as relações politicas e comerciais existentes entre Portugal e a Confederação Helvética.

Em 1910, afim de mais estreitamente apertar os laços de amizade e parentesco que unem secularmente brasileiros e portugueses, fundou, em Lausanne a — *Fédération Académique et Littéraire Brésil-Portugal* — de que foi presidente de honra.

Assim, são, na verdade, notaveis os quatro volumes de investigação e critica historicas — *D. Antonio* — que bem iluminam essa figura de agitadôr politico e patriota que foi o celebre Prior do Crato cuja descendencia existe principalmente no cantão de Vaud.

Devido aos indefessos esforços envidados pelo sr. Visconde de Faria, o estrangeiro tem um conhecimento mais exato do nosso compatriota Bartholomeu de Gusmão, o precursor da aerostação e da aviação, que fez a primeira ascensão na sua *Passarola* em 1709 — sendo certo que só em 5 de junho de 1783 os irmãos Mongolfier lançaram o seu primeiro balão.

Em preparação, o ilustre homem de-lêtras dispõe um interessante livro — *Le Mathématicien Portugais Pedro Nunes, au XVI.^{me} siècle* — que vai decerto projectar uma grande luz sobre o celebre Nonius, o inventor do primeiro instrumento de gradação, em uso na astronomia e na geometria, instrumento que os francezes querem atribuir a Pierre Vernier e os alemães a Clavius.

E' esta a orientação que o sr. Visconde de Faria imprime á sua incansavel e sobremodo util actividade de funcionario zeloso do estado-português e consciencioso literato que jamais esquece e desconhece a sua patria.

Além dos trabalhos importantissimos que já apontámos, outras obras, não menos importantes, ele tem dado á publicidade que firmam solidamente os seus créditos. *Christophe Colomb et les écrivains galiciens* — e *Sant'Anna Nery (brésilien), sa vie et ses œuvres* — e o livro em preparo — *Deux savants Portugais au XVIII.^{me} siècle* — atraem a nossa mais diligente atenção e consideração. Emtanto — cremos — dos seus labores benemeritos bem compensado e premiado é pela admiração e amizade que os portuguezes residentes no estrangeiro lhe dispensam sempre, e pelas multiplas provas de respeito que os proprios estrangeiros lhe conferem. Antigo titular das ordens nacionais e das principais ordens europeias, o sr. Visconde de Faria é Cavalleiro da Legião de Honra de França, Official da Instrução Publica e titular da 3.^a classe da ordem republicana e americana do Libertador, Doutor em Lêtras da Universidade Hispano-Americana.

Desde 1904, é Vice-presidente e membro fundador da Sociedade dos Estudos Portuguezes de Paris, Presidente da Academia Aeronautica Bartholomeu de Gusmão, membro do Aero Club de Portugal, do Aero-Club de França, da Stella, da Sociedade de Historia Diplomatica de Paris, da Sociedade dos Estudos Historicos, antigo Presidente do Conselho Heraldico de Portugal, antigo Presidente da Sociedade Heleno Latina, membro-de-honra da Sociedade Academica de Lausanne, da União Latino-Americana e Delegado Geral na Suissa da Aliança Scientifica Universal de Paris.

Por tantos motivos e titulos illustres, o sr. Visconde de Faria póde ainda orgulhar-se com razão da sua nobilissima ascendencia. Por seu pai, descende duma antiga familia de altos funcionarios do Ministerio dos Estrangeiros. Por sua mãe, descende duma das mais antigas e mais nobres familias de Portugal. Entre os seus antepassados paternos, conta Antonio de Faria, Consul Geral de Portugal em Marselha, deputado pelo Porto, ministro plenipotenciario em diferentes paizes da Europa e da America, e ministro de Portugal em Turim. Entre os seus antepassados maternos, conta o celebre astrónomo e diplomata, J. de Barros e Vasconcelos, conselheiro da Embaixada Portugueza em Paris, em 1761, eleito Membro Estrangeiro do Instituto de França — e o ilustre pintor, conhecido por «O morgado de Setubal», tão apreciado por Almeida Garrett.

Tal é, esquisada a linhas rapidas, a figura litteraria e politica do sr. Visconde de Faria. Tão radiosamente patriótica, ela se ergue e esculpe deante de nós, que só, no momento, podemos curvar-nos confusos de gratidão, rendidos de respeito, e prestar-lhe a homenagem da nossa admiração sincera.



PELO MUNDO FÓRA

As grèves, que tão profundamente teem agitado a velha Europa, começam a produzir-se tambem pela Africa. O caso deu-se em *Johannesburg*, e constituiu a formidavel *grève do Rand*, que muito tem preocupado a atenção publica da Inglaterra. Originou-se na demissão de cinco empregados da *New Kleinfontein Company*, que não aceita-

ram as 51 horas de trabalho semanaes, a que outros se haviam sujeitado. D'ahi a grève geral, que foi reprimida com o auxilio da tropa e policia havendo bastantes mortos e feridos. Os nativos, em numero de 170:000 no trabalho das minas e de 80:000 em *Johannesburg*, offereceram grande resistencia e deixaram a cidade num estado deploravel.

Deitaram fogo a *Johannesburg Park Station, Star* e outros estabelecimentos, obrigando os bombeiros a retroceder; destruíram a fabrica de energia electrica, mergulhando a cidade na escuridão. Emfim um verdadeiro *pandemonium*.

Faz lembrar os horrores da *semana tragica*, de ha quatro annos. Barcelona parece que quer commemorar essa data, com um espectáculo talvez não menos horroroso, pois que de ha tempo vem offerecendo grande agitação, que o governo de Romanones não tem conseguido reprimir. Pelo contrario, as ultimas noticias dão mais de cinquenta mil operarios em grève e Barcelona occupada militarmente. A Espanha, que ha tanto tempo luta para consolidar o seu dominio em Marrocos, que lhe tem custado milhares de vidas e enormes capitaes, soffre neste momento uma grave crise interna. E' de esperar que a vasta intelligencia e rara energia do monarcha conseguirão mais uma vez triumphar, para honra e gloria da patria de Cid e Cervantes.

D. Affonso XIII, acompanhado de sua majestade a rainha, foi visitar a côrte inglesa e, de passagem, esteve no *Elyseu*. O sr. *Poincaré* retribuirá ainda este anno a visita do monarcha espanhol. Entretanto vae aproveitar as ferias para uma larga viagem, passando pela peninsula e pelo Mediterraneo.

O rei de Espanha póde gabar-se de que lhe sahiu *el gordo*, sem se ter habilitado e sem em tal pensar. Um maduro — *Albert Sapene* — dominado por preoccupações nobiliarchicas, convenceu-se de que provinha dos *Sapene de Caçarith*, a que se refere o *Armorial de France*. A megalomania transformou-se em mania da perseguição. Sapene foi internado num asylo. Vendo-se á beira do tumulo faz o seu testamento a favor do rei de Espanha, na importancia de seiscentos contos de réis?

A irmã do excentrico — *Gabriella Sapene* — reclama perante o tribunal de *Saint-Gaudens*, que, afinal, decide o pleito entregando aquella fortuna ao augusto representante de Cid, o qual, parece, vae ceder parte do quinhão em beneficio da municipalidade de *Montanban-Luchon*.

Talvez por imitação, um subdito do *Kaiser*, proprietario em *Planen*, acaba de legar a Guilherme II a bonita somma de dois milhões de marcos!

Parece que estão com sorte os monarchas... se exceptuarmos os dos Balkans, que de ha muito não sabem a extensão dos territorios que constituem os seus dominios, pois que os accasos da guerra ora os dilatam ora os encolhem.

A Turquia não quiz saber das intimações das potencias, que lhe apontaram as condições da conferencia de Londres, e marchou até Adrianopla, tomada pelo celebre *Enver bey*, audaz chefe joven turco. A' insistencia da Russia para que

abandone a cidade tomada sem a menor lucta por parte dos bulgaros, Enver bey responde: — *Não evacuaremos Adrianopla. Aqui estamos e estaremos. Far-nos-hemos matar até ao ultimo, se preciso fór. Que a Europa o saiba.*

O certo é que as ultimas noticias dizem que as potencias já pensam em se entregar a questão ao *referendum* de Adrianopla, que melhor do que ninguem poderá dizer qual a dama preferida: — os bulgaros ou os turcos. Na primeira phase da lucta, aquelles impunham-se pela sua humanidade, respeitando tanto quanto possivel as vidas e as propriedades. Na segunda phase, mudaram as scenas; de modo que servios, gregos e turcos são unanimes em declarar casos de verdadeiro horror, praticados pelos subditos do Czar Fernando.

Fez-se um armisticio durante o qual se realizará uma conferencia em *Bucarest*, com o fim de pôr ponto a esta lucta fraticida. Entretanto, a *conferencia dos embaixadores em Londres* continua pachorrentamente no exame das questões relativas á *modificação da carta dos Balkans!*

A guerra civil na China attinge proporções medonhas, embora *Yuan-Shi-Kai* não desespere de triumphar. Contra a sua dictadura se levantou o sul, sob a chefia de *Tsen-Chun Chuan*, que foi um dos favoritos da imperatriz viuva *Tse Hi*, e um dos ministros mais retrogradados do antigo regimen. De nada valeu a *Yuan Shi Kai* o emprestimo alcançado com tão grandes esforços para o desenvolvimento da mais populosa nação do mundo, emprestimo largamente combatido e que foi causa do assassinio do *leader* republicano *Song Kiao Yen* (16-3-913) no momento de partir para Pekim. Este assassinato é attribuido ás instancias do actual presidente provisório, que tem usado e abusado de todos os processos tendentes a retardar a elaboração da Constituição.

O Mexico ainda não conseguiu entrar no periodo de socêgo ha tanto reclamado pelos Estados Unidos, que dizem não nutrir intentos de intervenção.

Em 1908, *William Jennings Bryan* dizia que os Estados Unidos não necessitavam de colonias, era assaz vasto e rico para bastar-se a si mesmo. Hoje, porém, o Senado americano annuncia a resolução de estabelecer o protectorado da União sobre a *Nicaragua*, onde d'ora avante os Estados Unidos terão o direito de intervir sob os mais variados pretextos, conforme as condições do recete tratado. A este seguir-se-hão outros identicos a celebrar com as republicas da *America Central*. Os democratas americanos censuravam a politica mundial de certas nações, mas foram annexando as *Philippinas*, *Cuba* e *Porto Rico*; combateram as construcções navaes, mas agora são elles, os proprios democratas, que mais fomentam essas idéas que teem por fim a *politica de extensão territorial*.

Sob este thema tem andado envolvido o nosso paiz, que, como potencia colonial importante, attrahe a cubiça de certas entidades, em que se destaca o chocolateiro inglês *Cadbury*, que de tempos a tempos agita o estafado pendão da *escravatura* em *S. Thomé*, essa feracissima pujante reliquia do Atlantico.

Na *House of Lords*, em sessão de 23 de julho, discutiu-se acaloradamente o tal caso da escravatura. *Lord Mayo* disse que essa situação se não podia prolongar; que o povo da Grã Bretanha tinha o direito de exigir que ella cessasse. *Otherwise we should in no manner be bound by treaty to Portugal, to defend Portuguese colonies, ni which slavery was maintained and defended.* (D'outro modo, não seremos obrigados, pelo tratado com Portugal, a defender as colonias portuguezas, onde se mantinha e defendia a escravatura.)

Em tom analogo se expressaram o arcebispo de *Cauterbury*, *Lord Cromr* e o *marquez de Lansdonne* que accrescentou que era preciso insistir com o governo de Poutugal sobre a urgencia de terminar com os abusos!

Mas a Inglaterra podia muito bem deixar em paz a nossa ilha de S. Thomé, valorisar o cacau das suas colonias e entreter-se com a agitação do Rand e da India. Difficil é a tarefa de manter em respeito as iutemeratas suffragistas, que não esmorecem nas suas reivindicações. As *suffragistas não militantes* que formam uma federação com mais de 400 sociedades, organizaram uma peregrinação por quasi toda a Grã-Bretanha, em que consumiram mais de um mês, em missão de propaganda, discursando e espalhando manifestos em que se diz que a sua causa é a causa do direito e da justiça. «Nós temos que obedecer ás leis. exactamente como os homens. Devemos ser castigadas, se desobedecermos, assim como os homens. Devemos pagar impostos, como elles, e como elles soffrer, se o nosso paiz fôr mal governado.»

Em 26 de julho, chegaram a Hyde Park cerca de 100:000 suffragistas não militantes, algumas das quaes a cavallo, hasteando um pendão onde se lia esta sympathica divisa: *Antes a prudencia do que as armas da guerra.* No cortejo incorporaram-se muitas bandas. Nada menos de 20 estrados para os oradores, d'entre os quaes se destacam as *Misses Margaret Ashton*, *Philip Snowden* e o presidente *Mrs. Henry Fawcett.*

A proposito de cortejos curiosos, parece-nos interessante mencionar uma peregrinação desportiva, de que foi theatro a parochia de *São Christovam-le-Jajolet*, no departamento de *Orne* (França), devida á iniciativa do cura *Thuanlt*, e que mostra quanto naquelle paiz se respeitam as tradições e a religião, laços humanos muito potentes e que todos os verdadeiros estadistas devem ter em consideração. *São Christovam* é o patrono dos automobilistas (não sei se o é tambem na patria de Camões); mas antes do apparecimento d'esse temivel *mata gente*, já o *São Christovam* era venerado no pequeno burgo de *Jajolet*, onde agora se ia inaugurar a estatua do mesmo santo. D'aqui a idéa do cura *Thuanlt* em convidar os *chauffeurs* para uma procissão,

em que se incorporaram os mais variados typos de automoveis, marchando vagarosamente ao som d'um hymno. Os fieis conduzem o andor com o santo. O cortejo estende-se em redor da praça. Os sinos repicam. De repente faz-se pro-

fazer fogo, havendo 13 mortos e 30 feridos.

Fecharemos estas divagações com a chave... celeste. *Sua Santidade Pio X*, cuja saude estava fortemente abalada, conseguiu restabelecer-se, continuando na sua divina missão de abençoar os milhares de peregrinos que diariamente affluem ao Vaticano, e de superintender nos destinos da Egreja Catholica.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Visita do governo á cidade do Porto

A Comissão Administrativa Municipal do Porto, querendo manifestar ao governo o seu reconhecimento pelos varios melhoramentos publicos decretados para aquella cidade, convidou o presidente do governo e representantes do parlamento a visitar a capital do norte, onde lhe fez uma festiva recepção.

O sr. dr. Afonso Costa, presidente do governo, acompanhado pelos srs. ministros da Instrução Publica, dr. Sousa Junior, e do Fomento, engenheiro Antonio Maria da Silva, com seus respectivos secretarios srs. João Tudela, Mario Albuquerque e Alfredo Laneiras, partiu de Lisboa no dia 1 do corrente em comboio expresso.

Na chegada ao Porto era o comboio esperado na estação de Campanhã, por todo o elemento official, por varias sociedades republicanas e por muito povo, fazendo entusiasticas manifestações aos recémchegados, manifestações que se repetiram por todo o trajeto do cortejo através as ruas da cidade.

O sr. dr. Afonso Costa e seus colegas ministros foram solenemente recebidos na camara municipal, onde o corpo de salvação publica fazia a guarda de honra e á entrada da sala formavam os internados do Colegio dos Orfãos com o seu reitor, reverendo Manuel Guimarães, e os empregados municipaes com a bandeira da cidade.

Aberta a sessão solene, a que compareceram alguns magistrados e professores officiaes, secretario geral do distrito, empregados do governo civil, senadores, deputados, industriaes, comerciantes e senhoras, occupou a presidencia o sr. Simas Machado, tendo á sua direita os srs. dr. Afonso Costa e

dr. Sousa Junior, e á esquerda os srs. Antonio Maria da Silva e Nunes Godinho vice-presidente da camara dos deputados.

Então pronunciaram discursos o sr. dr. Adriano Pimenta congratulando-se com o grande melhoramento que a capital do norte ia ter com a transformação do porto de Leixões em porto commercial, aspiração por que anciavam os portuenses; o sr. Simas Machado agradece as frases de louvor que o sr. dr. Pimenta dirigiu ao parlamento, e dá a palavra ao sr. dr. Afonso Costa que fala com rara verbosidade, primeiro agrade-

S. S. Pio X



O ULTIMO RETRATO TIRADO EM JULHO, DEPOIS DA DOENÇA QUE SOFREU

fundo silencio; a multidão ajoelha, os autos estão immoveis, em semicirculo. Então, o padre *Thuanlt* abençoa todo aquelle conjunto, que constitue um espectáculo pittoresco e original.

Saint-Christophe-le-Jajolet é agora a Meca dos chauffeurs.

Uma noticia recentissima vem corroborar a força do sentimento religioso.

Na occasião em que em *Causpore*, perto de *Calcutá*, se estava procedendo á demolição d'uma mesquita para prolongamento d'uma rua, rebentou grande tumulto, que obrigou a policia a

Visita do Governo á cidade do Porto



NA ESTAÇÃO DE CAMPANHÃ O PRESIDENTE DO GOVERNO AGRADECENHO AS SAUDAÇÕES DOS MANIFESTANTES

da Silva e comitiva, seguiu até Leixões, no meio das vivas saudações do povo que se acomolava pelas margens do rio.

A recepção em Leixões foi do maior entusiasmo popular, tocando varias bandas o hino nacional e subindo ao ar girandolas de foguetes.

Na sala do posto de desinfecção foram recebidos os convidados pelo vice-presidente da camara de Matosinhos, sr. dr. Mattos, que deu as boas vindas aos ministros e agradeceu ao Governo; a obra que se ia fazer em Leixões. No mesmo sentido falou o sr. Guilherme Felgueiras, presidente da Associação Commercial e Industrial de Matosinhos.

Responderam a estes discursos os srs. Simas Machado, Antonio Maria da Silva, que via, enfim, em via de realidade o projeto que formolava ha vinte anos, e por fim o presidente do governo que manifestou a sua satisfação por terem sido atendidas as reclamações do Porto.

cendo as carinhosas manifestações de que era alvo e, proseguindo, inúmera os melhoramentos concedidos ao Porto, considerando actos de justiça para com a laboriosa cidade que bem merece todas as atenções do governo. A sessão decorreu no meio de grande entusiasmo.

Durante a estada dos ministros no Porto, que durou até o dia 4, realisaram-se varias festas como foi um almoço no Restaurant Commercial, um passeio fluvial no Douro, um banquete oferecido pela camara municipal, recita de gala no teatro Sá da Bandeira, visita a Leixões, uma parada dos alunos de instrução militar preparatoria, exposição de lavôres na Escola Normal e visitas a alguns estabelecimentos industriaes, etc.

De todas essas festas a que desenvolveu mais ruidoso entusiasmo e teve maior significação foi a da visita ao porto de Leixões, motivo especial que determinou o convite feito ao governo, pois que a sua transformação em porto commercial, tem sido a suma aspiração do povo do norte.

Uma luzida flotilha de diferentes barcos comboiando o *Berrio* em que embarcaram os srs. dr. Afonso Costa e ministro do fomento sr. Antonio Maria



NA PASSAGEM DO CORTEJO, EM SANTO ILDEFONSO AS CRIANÇAS DAS ESCOLAS CANTANDO NO ADRO DA IGREJA
(Clichés de J. Azevedo)

Uma jornada á roda da Ilha Terceira

II

(Continuado do n.º 1242)

SUMARIO: — Uma hora na Vila da Praia da Victoria. — Heroico combate pela Liberdade contra o Absolutismo. — Uma alongada fileira de graciosas povoações costeiras. — Delicioso passeio nos Biscoitos. — Festejos locais do Espirito Santo. — Um «Imperador»... por poucas horas. — Paisagem adusta vista ao sol posto. — Excepcionas belezas nas ilhas açorianas. — Povoações entrevistadas ao luar. — Recordações de uma tourada á corda. — Onve-se meia noite na Sé da Angra. — Imensidade.

Já a tarde ia em começo quando chegámos á famosa e grande Vila da Praia da Victoria; como sucede as mais das vezes quando se visita pela primeira vez uma localidade célebre, por algum acontecimento histórico, a expectativa como que

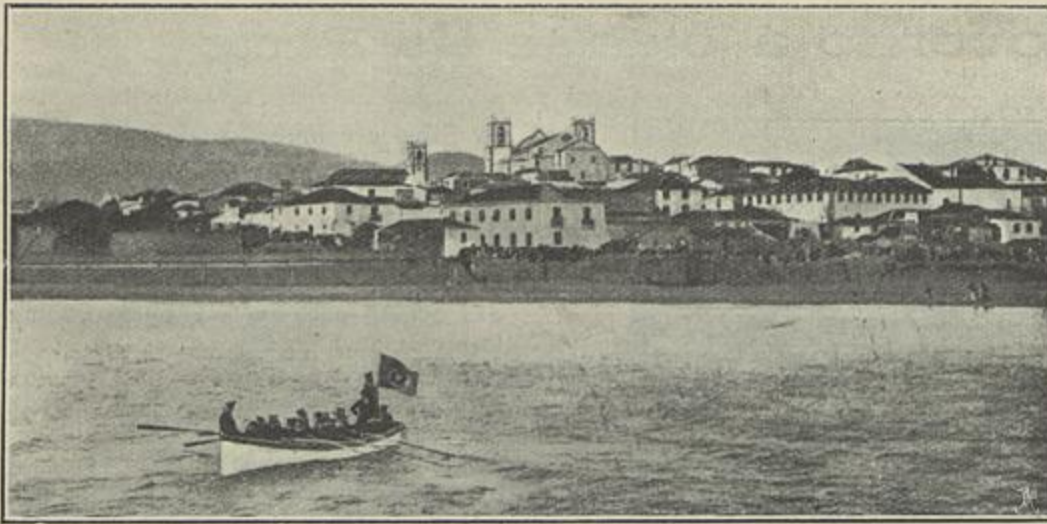
sofre decepção, por ser o aspecto do logar inferior á fama do feito ali passado: é o que se dá, por exemplo, com quem visita a vila de Aljubarrota, mesquinha aglomeração de pequenas casas ao longo da estrada, que de Alcobaca vae para Leiria, mas afinal nas proximidades da qual se passou a terrivel batalha, que decidiu dos destinos de Portugal.

Aqui porém a realidade casa-se com a tradição, pois são formosos os arredores da Vila da Praia; extensos campos cultivados limitados por serras ao fundo, alegam a paisagem e uma longa e branca praia, descrevendo uma perfeita curva reentrante, na qual o mar se espreguiça em largos circuitos de espuma pelo suave declive acima, dá perfeita razão ao nome da *Praia* que tem a vila.

N'esta, as ruas que são numerosas, é a Praça Onze de Agosto ou dos Paços do Concelho, o ponto mais central e interessante, mercê do

grande edificio municipal ter o estilo da construção portugueza bem acentuado, na sua varanda com telhado sobre pilastras e as escadarias colocadas para um e outro lado da fachada, tendo ao extremo uma alta torre para signaes; quando chegamos, pelo amplo largo debicavam bandos de galináceos e uma ou outra moradora assomava á sua porta, admirada de ver forasteiros.

Colocada um pouco mais alto ergue-se a vasta igreja matriz de Santa Cruz, ladeada tambem de duas altas torres; a uma d'elas ascendemos e d'aquella altura a vista como sempre era grandiosa, e dava-nos a noção exata de todo o espaço de terra e mar, onde se passara a famosa batalha coroada da Victoria, em que os liberaes da Terceira denodadamente evitaram o desembarque de importantes forças absolutistas da esquadra de D. Miguel, commandada por José Roza Coelho.



AREAL DA PRAIA DA VITORIA

Durante todo o tempo que ali estivemos foi o principal assunto da conversação essa formidável luta política.

Ao período constitucional que tivera o seu começo nas famosas Constituintes de 1820, as quaes por seu turno se filiaram na Revolução Franceza, viera depois a reacção absolutista da *Villafranca*, — reflexo da Santa Alliança, — tentar pôr tudo na forma antiga do *quero, posso e mando*, agravada com o rigor de perseguição, contra toda a opinião liberal ou dos *pedreiros-livres*, como então se dizia: todo o reino se subordinou, até com entusiasmo! ao regimen miguelino, tão fanatisado o povo estava ainda pelo tórvo inquisidor e pelo astuto jesuita. Só na Ilha Terceira o espirito liberal embora contrariado pela deminuta reacção lá existente, não aceitou esse retrogradamento e antes capitaneados os liberaes por Theotónio de Ornellas, descendente de Jácome de Bruges, tomaram decidido partido por D. Pedro IV e sua filha D. Maria, personificações do seu desejo de Liberdade, e assim reagiram e tornaram a Ilha, ponto de apoio dos Constitucionaes.

Decidiu o governo de D. Miguel terminar com a rebelião d'aquelle tão afastado fóco liberal, perdido no vasto Oceano, e assim em 11 de agosto de 1829, fundeava em frente da Vila da Praia uma forte esquadra para operar o desembarque de alguns milhares de soldados, tomarem a Ilha, e fazerem enforcar algumas dezenas dos seus mais salientes defensores.

Não se apavoraram estes e antes sob o commando do Conde de Vila Flor, depois Duque da Terceira, que pouco antes se lhes juntara com auxiliares, conseguiram n'esse dia memoravel, não só evitar o desembarque, como pôr os navios miguelinos na maioria fóra de combate, mercê do fogo e das boas disposições estratégicas de varios fortes proximos e da defesa da famosa praia.

Assim assegurados por victoria tão completa, aos constitucionaes facil lhes foi por uma série de expedições, tornar todo o archipelago liberal e de lá partir por fim o nucleo dos soldados, que no Porto durante dois annos se bateram e venceram por fim a D. Miguel.

Mal cuidariam esses valentes liberaes, sinceros e honestos, que oitenta annos volvidos, a causa Constitucional, que com tanto denodo ajudaram a estabelecer, liquidaria por uma forma tão deprimente, varrida pelo sópro patriótico e saneador de uma revolução republicana.

Estava feita a vizita áquella aprazível e celebríssima localidade, que terminava na suggestiva ponta da *Mã-Merenda*, esfumando-se para o sul os varios portos e cabos, que antes passáramos.

Seguia agora a excursão pelo interior da planície, perdendo-se de vista o Oceano interceptado por uma extensa colina abrupta e esbranquiçada, lembrando fileiras de dunas; do alto d'ela, se lá

fossemos, avistar-se-ia o isolado ilheu do *Espar-tel*.

Por entre quintas de magnífica vegetação sempre variada e mimosa, tendo por fundo altas e verdes serras, entrou se na série de povoados do litoral, d'aquella parte norte da Ilha, e que vistas do mar parecem uma unica e interminavel cadeia de cazaria, assim as *Lages*, *S. Braz*, *Agualva*, as *Quatro Ribeiras*, antigas e risônhas freguezias, hiam-se seguindo umas ás outras com pequenos intervalos.

Estava já a tarde em meio, quando chegámos á linda aldeia dos *Biscoitos*, terceira *etape* da nossa longa jornada; n'esta localidade era pretenção de um dos nossos colegas, uma das mais aprazíveis quintas da povoação, e n'ela, n'um mirante da entrada, foi içada n'um mastro a bandeira açoriána, tendo um açôr voando ao centro e um circulo de oito estrelas, tantas quantas as ilhas do archipelago.

Passam e com razão os *Biscoitos* por ser a Cintra da Terceira, realmente é um sitio encantador; ao fundo a uns trez kilometros recosta-se com o maior pitoresco uma elegante serrania arborizada em parte, e n'ela sobresahe, sempre em plano inclinado, a aldeia com a cazaria muito dispersa por entre fresco e luxuriante arvorêdo; o mar vem até ali perto entrando por um portinho do mesmo nome, cachoando as vagas por entre curiosos rochedos, de evidente origem vulcânica, tendo uma acentuada côr rôxa, o que para



PAÇOS DO CONCELHO DA PRAIA DA VITORIA

a nossa observação de pintor e turista constituia uma perfeita novidade.

Dizer que fomos recebidos pelo amfitreão e nosso colega sr. Cyriaco por uma forma cativante, que muito nos deixou encantados e que estimariamos poder demorar-nos em tão delicioso sitio, para o vizitar e admirar, como paisagista admirador da formosa natureza que sômos, seria pleonasma.

O pouco tempo obrigava porém a tornar-nos n'uns *Ashaverus*, e assim já o sol vinha obliquando para o Occidente, quando continuámos o nosso já longo percurso.

A continuidade das povoações seguia sucessivamente com a comprida povoação dos *Altães*, ainda voltada para o mesmo quadrante Norte, a parte plantorosa de quintas e de arvorêdos ia desaparecendo, para dar logar a campos cobertos de matos e ráros pinheiros maritimos.

Como já observara em outras localidades, tinha tambem esta freguezia o seu vistoso *Império*, uma especie de capela toda branquinha de cal, e envidraçada, com arrebiques arquetónicos, representados estes na frente, por quatro grossos pilares com capiteis ornamentaes e coroado de timpano, com o pombo e mais simbolos religiosos do Espirito Santo.

Havia festa na terra, e festa rija, como todas d'esta devoção, e como forasteiro fiquei encantado com o acaso, que me a deparava, pois é á profia que as varias freguezias disputam qual melhor a realisar. A cerimonia importada de certeza de Portugal, pois em Braga, em Thomar e outras terras é de uso antiquissimo, assume na Terceira fóros de grande acontecimento annual.

E' sabido que n'estas capelas ou *Impérios*, não ha qualquer imagem; n'um unico altar figura sô entre flôres e adornos uma corôa de prata, de



CASA DOS BISCOITOS, VISTA DO NASCENTE PARA O POENTE

maior ou menor riqueza de lavôr e que é a devoção d'ella o fim principal da festividade.

Depois de recebidas dias antes as numerosas ofertas pelo povoado, solemnemente vae o *Imperador*, com a corôa na cabeça e os foliões todos estrambóticamente vestidos de ópas de chita com ramagens, levando tambor, pandeiro e a bandeira do Espírito Santo com a pomba de azas abertas bordada a fio de prata.

Seguem-os, com a maior gravidade, muitos convidados com varas encarnadas encimadas tambem com pombas pintadas a branco, indo em seguida todos os homens e mulheres da freguezia, ou do curato, em longa procissão; musica e foguetório não falta e assim depois de cumpridas varias cerimónias de caracter religioso no *Império*, termina tudo por uma pantagruélica refeição, passando a corôa para outro festeiro, futuro *Imperador*.

Um opulento bôdo, em que o pão e a carne, que todos dão e que é exposto em estreitas mezas com brancas toalhas, ao longo das ruas, é dado por fim á pobreza, o que dá á curiosa festa um aspecto altruista, que a torna em extremo simpatica e digna de aplauso.

Já todo aquelle povo que celebra a sua festa querida nos ficava



A PROCISSÃO DO IMPERIO DO ESPIRITO SANTO



UMA CAPELIA DO IMPERIO DO ESPIRITO SANTO

— Estimaria tambem ver tão surprehendedes sitios de dia e com mais descanso, respondi, mas estas belas recordações dos extraordinarios panorâmas da Terceira, junto aos que me foi dado contemplar nas *Sete cidades* e nas *Furnas*, o assômbro pitorêscio da Ilha de S. Miguel:

— Todas as ilhas dos Açôres têm muito que ver e admirar, dizia-me outro colega, se pudesse passar pela separação marítima do Fayal e do Pico, vendo-se fronteiras uma ilha de cada lado do estreito, o assombro pela belêza, atingeria o cumulo; difficilmente se pode imaginar nada de mais surprehendente e grandioso.

Cerrara-se de todo a noute, no entanto agora só aspectos caliginosos nos prepassavam pela frente; a orientação mudára novamente e percorriamos outra vez o sul, como de manhã; do lado oriental elevava-se uma esplendida lua cheia, que a pouco e pouco encheu todo o espaço de palido luar.

A estrada que descera outra vez muito, seguia proximo ao mar; a cada momento deparavam-se nos pequenas angras e portinhos, onde os rochêdos se destacavam em negro contra o reflexo da Lua, saltitando como palhetas de ouro nas aguas agitadas, e assim passámos, sem as ver, as povoações das *Doze Ribeiras*, do *Pilar* e de *S. Bartholomeu*: em *S. Matheus da Calheta*, compridissima povoação pescatória do litoral, parte da cazaria alvejava porém ao luar, deixando confusamente entrevêr flôres nas janelas, nos jardins, e lindas *silhuetes* de arvores de folhagem ornamental; sobre um avançado promontório recortava-se, contra a luarenta claridade do ceu, a velha igreja paroquial, com a sua esguia torre dos sinos.

Nas enseadas minúsculas, perfilavam-se pequenos barcos de pesca; uns fundeados, jogando os mastros com o movimento das ondas, outros adornados de lado nas praihas, enquanto rêdes, estendidas em varas, fluctuavam ao vento do largo. Um enorme monte, todo negro, via avançado para o mar, e que já, á distancia, havia tempo, me chamava a atenção, pelo seu enorme perfil.

para traz, ultrapassáramos tambem a aldeia com o lindo nome de *Raminho* e viamos agora o terreno, voltado agora para oeste, tornar se montanhoso, obrigando a estrada a altear cada vez mais, subindo portanto tambem a linha do horisonte e vendo-se o mar como infinda campina azul escura.

Para o lado do Oceano viam-se em quebradas os continuos recortes da costa, formando por ali abaixo desfiladeiros de terrivel mas belo aspecto; as ondas vinham lá dar na base muito em baixo desfazendo-se em espuma; do lado de terra elevavam-se enormes outeiros, contrafortes da serra de Santa Barbara, todos cheios de alto mato e pinheiraes, sendo o conjuncto d'um aspecto formidavel, horrivel, mas grandioso.

O Sol descahia já n'um soberbo ocaso, as roxas nuvens espalhadas pelo Ceu infinito, doiravam-se nos contornos e destacavam-se no horisonte, para o lado occidental, em azulada côr, outras ilhas do archipelago; viamos distintamente, a do Fayal, oblonga, tendo por detraz a apparecer o alto cume da Ilha do Pico, rodeado de nuvens, e mais isolada a redonda Graciosa, não nos cançando os olhos de admirar tão empolgante espectáculo scenographico, de deslumbrante magia.

Passavamos agora proximo á *Serreta*, vasta povoação edificada mais que qualquer outra a maior altura do nivel do mar; grandes cêrros negros, de formação vulcanica e macissos de pinhal recortando-se espectralmente na palidez do crepusculo, solicitavam pela braveza a nossa já cançada admiração.

— Isto era passeio para dois dias, ia-nos dizendo um dos colegas, e é o que sempre se faz em caso identico, mas dada a urgencia da sua retirada, forçoso é fazer-se todo o percurso de uma assentada, como se fosse uma jornada.



UMA TOURADA Á CORDA

— Que monte será aquele? perguntei.

— Não conhece? é o nosso Monte Brazil, visto do lado oposto.

— Estamos então perto da Angra, novamente? pelo que vejo, está a terminár a nossa volta completa em torno da ilha.

— Assim é, e talvez não tenha feito ainda um passeio tão extenso, de trem.

— Então quantos kilometros percorremos nós, ao todo?

— Pouco mais de setenta e seis.

— E' de respeito! o maior que me lembra ter feito, foi da Merceãna a Peniche, por Torres Vedras, uns quarenta kilometros, mas este foi bem mais além e o elogio da excursão está em que, tanto me distrahi a atenção, que não dei pela enorme distancia que acabámos de percorrer.

O trem continuava ainda rodando e mais para deante ainda uma outra povoação ultrapassámos, esta mais internada, no campo, chamado *Terra Chã* ou *Belem*, como me informaram, e, por ultimo, a de *S. Pedro*; á lembrança acudia-me a recordação alegre do espectáculo de uma tourada á corda, que, dias antes, por aquelas proximidades presenciára; inegavelmente é este o divertimento mais popular e característico da Terceira e só existente n'aquella ilha, por só n'ela haver gado bravo, e sem a corrida do qual não ha festividade que preste.

N'uma tarde d'um domingo anterior, fôramos ver o *Castelo dos Moinhos*, alto e aprazível local sobranceiro á cidade, proximo ao magnifico jardim publico de Angra e do qual se gosa uma esplendida vista panorâmica de terra e mar.

Chamáramos também ali a existencia de um elevado obelisco, com dedicatórias a D. Pedro IV pois n'aquella logar se iniciára também o ataque, dos constitucionaes á fronteira fortalêza do Monte Brazil, em poder dos absolutistas, — como antes tinha estado em poder dos hespanhoes, os quaes, só depois do cerco de um anno, se tihnam rendido; — ao lado do local do monumento, por a encosta abaixo, seguiam-se, em pequenos casebres enfileirados, as diversas azênhas ou moinhos, que a agua, descendo, fazia mover continuamente com estrepito.

Notei a passagem, lá embaixo, nas ruas da cidade, de muita gente, indo toda para o mesmo lado, e que se dirigia, disseram-me, a ver uma tourada á corda; tive curiosidade de ver também o espectáculo e, assim, em companhia de um amavel colega, seguimos para o local, em *S. Pedro*.

Muita gente dos dois sexos, tanto da cidade como do campo, com os seus trajes domingueiros, se aglomerava ao longo da povoação; os homens nas ruas empunhando fortes cacêtes e as mulheres apinhando-se nas janelas e pequenos eirados á frente dos predios; por toda a parte ouvia-se algazarra alegre, por entre o estalar de foguetes e acordes philarmónicos; ali o redondel é a rua, e o touril a primeira porta de quinta, que mais proximo fica da igreja, ou do *Império*.

De alto, de uma sacada, vi sahir o primeiro touro embolado, com as pequeninas esferas douradas nas astes, como é de uso local, e a estas amarrada uma longa e grossa corda de linho, que uns quatro rapazes escolhidos entre os de bom pulso, seguravam pela outra extremidade.

Ao sahir o touro desembestou para um dos lados da rua, estabelecendo logo um enorme tumulto e vozeria entre os populares, fugindo uns, outros acoutando-se pelos angulos das portas, ou saltando muros e ainda um ou outro estatelando-se no chão em famoso e cómico boléo.

A certa altura, a correria do feroz animal foi sustada, muito a tempo, pelo puchão dado pelos da corda, dando a *pancada*, que fez parar, rapido, o touro; tudo creou animo e os mais animosos levantavam os cacêtes para castigarem o boi.

Este, por seu turno, fugia, enfiando por qualquer travessa, e todos os valentes corriam a traz, até que o touro, fazendo nova volta-face, obrigava, por seu turno, os perseguidôres a darem de novo aos calcanhares; de vez em quando, um novo esticão era dado á corda, obrigando o animal a retroceder e até a cahir de unhas para o ar, pelo que, a algazarra se tornava homérica.

Assim, o touro, ora fugindo, ora atacando, percorreu diversas ruas, até que uma hora passada, e chegando ao improvisado touril, foi recolhido, bem estafado, bem cheio de cacetadas, mas sem ferimentos, diga-se, pois não é uso serem picados.

Mais foguetes, mais musica, mais alarido e mais outro touro na rua, produzindo-se identicas correrias, sobresaltos e pauladas; a um dos *touros* vi, em ultimo recurso, dar um salto e ficar suspenso, pelas mãos, de um candieiro de rua,

em quanto o bicho se não afastou; assim, corridos uns trez ou quatro touros, se passou a tourada á corda, que para mais tempo de divertimento não dá a tarde.

Com estas alegres reminiscencias, tinha-mos ultrapassado a entrada d'Angra do Heroismo pelo chamado *Portão de S. Pedro* e estávamos agora em frente do alteroso templo da Sé; apeiamos nos; na torre da matriz da Terceira soavam agora doze horas; era meia noitel, durára, portanto, a jornada dezoito horas e abstrahindo uma hora em *Porto Martins*, outra na *Villa da Praia da Victoria*, e duas nos *Biscoitos*, eram, ainda assim, quatorze horas de continuo trajecto de trem, e, feita esta estatística, despedimo-nos plenamente satisfeitos... e algo moidos.

Estava, d'ali a pouco, novamente proximo á nossa pousada, na Rua Direita; a Lua, que ia alta no Ceu, estabelecia, pela rua fóra, uma facha de atenuada claridade, em quanto a restante permanecia no escuro, recortando se na calçada, em negro, as projecções de sombra da fileira dos predios; no extremo da rua onde o mar vinha ter, ao Porto das Pipas, via-mos agora, como n'uma moldura, o Ceu e o Oceano clareados, n'aquella, brilhando algumas Estrelas das de maior grandeza, n'este, luzindo miriades de pontos luminosos em continuo bulicio, reflectindo o luar; um negro pedaço do Monte Brazil, que se via também, recordava-nos a formosa Ilha Terceira, que acabáva-mos de percorrer, em torno, por tantas horas, e o nosso pensamento enlevado na contemplação sublime do Infinito, patenteava-nos quanto ella era afinal pequenina em face do Atlantico, da Imensidade.

RIBEIRO CHRISTINO.



ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Primeira parte

III

ILLUSÕES

(Continuado do numero antecedente)

Lisbeth Steinbaum, assentada ao pé d'uma janella, tendo proximo uma grande mesa com regoas, compassos e varios utensilios, batia com muito cuidado sobre uma lamina de estanho.

— Não quero que me veja assim, disse ella para o compositor, o sr. que é tão curioso.

Lisbeth, risonha, escondeu no avental uma folha de musica que Fombreuse não poudo ver bem.

— Mais um segredo, disse elle rindo. E' a casa do mysterio.

O compositor contou-lhe o fim da sua visita.

— Mas certamente, que parta, o meu Rudolpho ha muito tempo que não tem uns tempos de descanso.

D'ahi a pouco, Anna Le Cozan entrou com Steinbaum.

Lisbeth fez um grande esforço nos braços para se poder elevar um pouco na cadeira e cumprimentar a artista apenas com um sorriso encantador.

— E' V. Ex.^a que possui uma bonita voz? Steinbaum tem-me dito que não se póde cantar melhor.

— Não é verdade, Lisbeth, que os meus trabalhos e a tua doença não me têm deixado sahir de Paris?

— E' verdade, mas agora deverás ir, far-te-ha bem á saude.

— Ficarás tão isolada!

— Não faz mal, Claudina virá ajudar-me e os meus filhos terão cuidado em mim, não é verdade?

Karl e Franz, que estavam a pôr a mesa, aproximaram-se da mãe e muito risonhos mostraram bem quanto amor elles sentiam por ella.

— A santa familia, disse Fombreuse, mostrando a Anna o grupo que elles formavam.

Um encanto de paz, nascia d'aquelle lar. Lisbeth sentia-se feliz apesar de estar sempre doente, revelava a sua phisionomia de allemã, loura, de olhos cuja sentimentalidade se occulta sob um aspecto de sonho. Os filhos juntos aos joelhos da mãe, parecia que estavam ali para servir de collorido áquella scena familiar, tão cheia de ternura e encanto.

— Durante os dias de viagem do sr. Steinbaum, disse Anna, virei fazer-lhe companhia.

Emquanto a grande artista dizia estas palavras, Steinbaum pensava: «Quando se ama, como o coração se dilata por tudo que possui o bafo da candura!»

Lisbeth agradeceu amavelmente.

— Então acceta?, disse Anna Le Cozan, risonha.

— Certamente, serão para mim uns momentos agradabilissimos.

Como Anna tivesse estendido a mão para Lisbeth para se despedir, o gravador lembrou-se que lhe promettêra uma estampa para completar a colecção das suas *Madonas*.

— Imagina, minha Lisbeth, que a casa da sr.^a Le Cozan é um meio completamente bretão, não calculas.

— *Gutt Gott!* exclamou Lisbeth.

De um pequeno armario, Steinbaum tirou uma gravura e deu-a com muito cuidado a Anna.

Era a *Dolorosa Mãe de Deus*, de Alberto Dürer. A cabeça rodeada por um veo, seguro pelas duas mãos cruzadas no peito, os cabellos cahidos sobre os hombros em um desalinho de abandono, a Virgem levanta os olhos para o ceu cheia de mystecismo.

Anna, que sedusia o dramatico da obra, felicitou Steinbaum. Elle protestou com auctoridade: não havia alli senão o trabalho d'um alumno aplicado ás correcções da escola. A grande precisão do traço dava um conjuncto arido talvez. Esta obra de Dürer não era uma das melhores do grande pintor. Steinbaum tinha-se emancipado de toda a sciencia academica e gravára com toda a sua independencia de alma artistica.

— Um dia será, disse com o orgulho do artista cheio do seu grande poder, que ha-de analysar obras melhores.

E apontando para o armario d'onde tinha tirado a Virgem:

— Dorme alli a *minha obra*, espera a conclusão definitiva.

Steinbaum, sorrindo-se, acrescentou:

— Estou cavalgando na minha chimeira que é boa e docil; com ella vou atravessando os mundos sem nunca sahir do meu quarto. Sr.^a Cozan, leve-a com cuidado, não a aperte muito.

— Não tenha receio, disse Anna Le Cozan, sei o que são imagens santas. Era eu que levava antigamente o pendão da Virgem, e quando havia vento não calcula o que era!

(Continúa.)

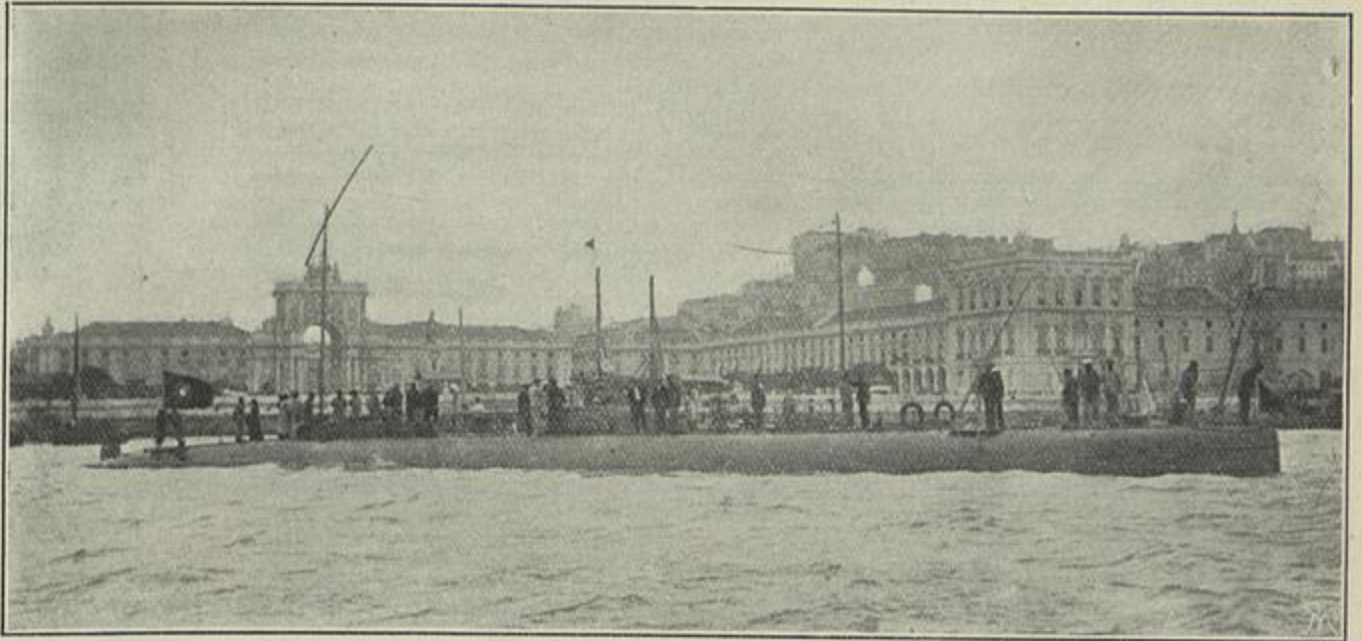
Marinha de Guerra Portuguesa

O novo submersível «Espadarte»

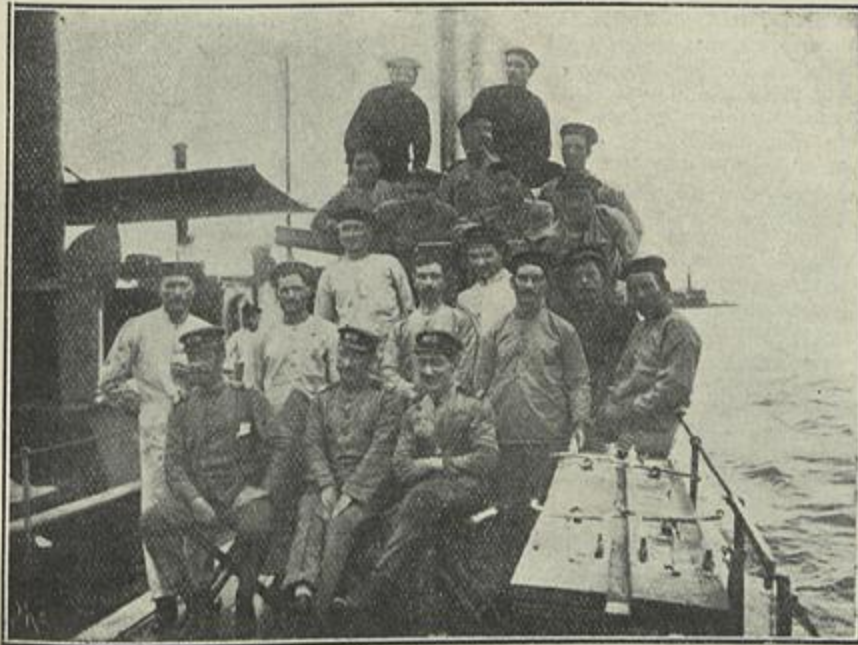
Depois de uma trabalhosa viagem de 76 dias, chegou ao Tejo o novo submersível *Espadarte*, vindo de Spezia, onde foi construído na Casa Fiat San Giorgio.

Esta viagem, segundo diz o comandante do *Espadarte*, sr. primeiro tenente Joaquim de Almeida Henriques, constituiu uma boa prova, pois para se fazer sem incidentes, seria preciso que o navio tivesse boas condições de habitabilidade, bons motores e que o não assaltassem os vendavaes.

Logo á sahida de Spezia o muito mar fez partir o embolo de ar de lavagem do cilindro



O NOVO SUBMERSIVEL—«ESPADARTE» QUE CHEGOU AO TEJO NO DIA 5 DE AGOSTO



GRUPO DO COMANDANTE E GUARNIÇÃO DO «ESPADARTE»

n.º 2 do motor de estibordo, o que obrigou o *Espadarte* a voltar ao estaleiro para reparar esta avaria. Sahindo novamente de Spezia e tendo andado umas 100 milhas com o motor de bombordo, eis que este se avariou, pois não ajustando bem o veio do motor com o veio da helice, os parafuzos rebentaram. Reparada esta nova avaria como se poudo, o navio seguiu até Marselha, onde, á entrada do porto, rebentou a camisa do compressor de baixa pressão.

Reparada mais esta avaria, o *Espadarte* seguiu viagem, no dia 8 de junho, mas não tardou que, no mar alto, se partissem os parafuzos do prato de *embroyage* do motor de bombordo, reconhecendo-se tambem que havia uma rotura no tubo do compressor. Por este motivo teve de arribar a Barcelona, no dia 9, demorando-se ali 11 dias, depois dos quaes sahiu para Gibraltar. Mas novamente se partiram os parafuzos e o *Espadarte* arribou a Valencia.

Sahindo deste porto, notou-se que rachara a parede interna do cilindro n.º 3 do motor de estibordo, o que foi comunicado á casa construtora, acordando esta que as reparações se fizessem em Alicante. o *Espadarte* sahiu então da baía de Gave, onde arribára, mas foi acossado por grande temporal, fazendo a viagem com os motores eléctricos. Feitas as reparações, em Alicante, largou para Gibraltar, não obstante o saber-se que não funcionavam bem os carretos das rodas helicoidaes das colunas de ambos os motores. Durante a viagem de Gibraltar para Lisboa, teve

ainda o *Espadarte* de arribar a Lagos, por motivo de se manifestar uma passagem de ar compressor do motor de estibordo da alta para a baixa pressão, tendo de vir até Lisboa só com o motor de bombordo a funcionar e arribando ainda a Sagres, onde se remediaram estas avarias, afim de que o novo submersível entrasse no Tejo sem mais desarranjo.

No meio de todas estas contrariedades deve notar-se que nem o comandante nem a guarnição do *Espadarte* perderam a serenidade precisa, não lhe faltando coragem para arrostar com tantos contratemplos, provando-se mais uma vez que os marinheiros portugueses conservam suas gloriosas tradições.

O governo oferecera ao comandante sr. primeiro tenente Joaquim Almeida Henriques para que a viagem do submersível até Lisboa fôsse comboiada por algum barco, o que o arrojado oficial dispensou, realisando assim economia importante, como economico foi o combustivel para alimentar os motores Diesel que consomem borras de petroleo que custa 2 centavos o litro.

O *Espadarte* desloca 245/300 toneladas; tem comprimento 45^m,5; boca externa 4^m,20; imersão á proa e á pópa 2^m,95; força de cavalos indicados 650; duas helices; velocidade á superficie 14 milhas, imergido 7. Cada motor gasta 70 ki-



O COMANDANTE DO «ESPADARTE», SR. 1.º TENENTE JOAQUIM DE ALMEIDA HENRIQUES, SUA ESPOSA E FILHOS, AO DESEMBARCAREM DO «ESPADARTE»

los de nafta por hora e o barco tem deposito para 8 toneladas. Dois tubos lança torpedos e uma antena de telegrafia sem fios, que alcança até 30 milhas. A tripulação compõe-se de 19 homens. Tem um sino de sinaes, o que é novidade em submersiveis.

Quanto a maquinismos, não é o seu conhecimento facultado a estranhos.

Entretanto podemos informar, pelo que diz o primeiro torpedeiro electricista sr. José Rodrigues Chaves, que o *Espadarte* tem dois periscopios que permitem vêr o que se passa á proa ou á ré. Quando o submersível imergir e não possa vir á superficie da agua, larga uma boia luminosa com telefone e tubo de borracha, por onde poderão passar quaesquer liquidos para alimentação. Um navio com uma cabrea póde socorrer o submersível, para o que tem este um aparelho que permite o passar cabos pelos olhaes da proa e da ré com que o suspendam.

HORAS D'ARTE

Palestras sobre Musica

POR,

Alfredo Pinto (Sacavem)

Da serie de livros que diariamente nos são obsequiosamente enviados por seus autores, destacaremos hoje o que tem o titulo acima, e que de facto nos proporcionou algumas horas de leitura agradável, versando sobre artistas, compositores e amadores de musica, portugueses.



ALFREDO PINTO (SACAVEM)

Angelo Lambertini, cuja importancia no nosso meio musical é incontestavel, bem podendo considerar-se entre nós um benemerito da Arte, espirito de grande sentimento artistico. No livro de A. Tangini, *Italiani in Portugalli*, falando de Michel Angelo Lambertini, encontra-se, por exemplo, este asserto: «Lambertini é uma verdadeira personalidade no campo da arte musical portuguesa.»

De facto, basta citar a *Sociedade de Musica de Camara*, de que Lambertini foi a alma, como a fundação da *Grande Orquestra Portuguesa* e que toda Lisboa apreciou nos seus notaveis concertos.

Mas o seu grande amor da Arte revela se ainda em outras manifestações e disso fala neste livro o sr. Alfredo Pinto quando se refere á sua casa de habitação, na Avenida da Liberdade, que é de superior gosto artistico, em estilo Renascença, delineada pelo professor Bigaglia, e que encerra verdadeiras preciosidades artisticas como em um museu.

Da entrevista com o sr. marquês de Borba, outro fundador da *Sociedade de Musica de Camara*, colhem-se belas recordações do que foi a casa dos srs. condes de Redondo como centro musical nos meados do seculo passado, onde se realisaram notaveis concertos em que tomavam parte personalidades distintas como as filhas do conde de Atalaia, o conde de Ferrobo, grande amador de musica, e cantavam a marquês de Alvim, D. Maria Carlota de Bragança, filha do duque de Lafões, condessas de Belmonte, de Pombeiro, etc.

No arquivo do sr. marquês de Borba existem quinhentas e tantas obras, possuindo originaes de Fr. José Marques, João José Baldi, Casimiro, Marcos Portugal e outros maestros portugueses.

No capitulo que dedica a Alfredo Napoleão, põe em relevo o grande valor deste artista português, cujo melhor de sua vida passou na America do Sul. Dele escrevia um critico na imprensa de Buenos Aires: «Puede afirmarse que Alfredo Napoleão es un caso verdadeiramente extraordinario, digno de llamar la atencion en cualquier parte del mundo. Del vigor y brillo de su tecnica nadie que no le haya oido poderá formarse una idea. Sus escalas, arpejos y cadencias tienen la inexorable velocidade del rayo.»

As composições de Alfredo Napoleão são numerosas contendo-se algumas ver-



ALFREDO NAPOLEÃO



MARQUÊS DE BORBA

Num elegante volume de 130 paginas, ilustrado com muitos retratos de artistas e amadores, o autor reuniu muitas de suas entrevistas que teve com os srs. marquês de Borba, Augusto Machado, D. Elisa Baptista de Sousa, Viana da Mota, Thomaz Lima, João Arroyo, Alfredo Napoleão, Alfredo Guimarães, Hernani Torres, Alberto Sarti, Thomaz Borba, Luis de Freitas Branco, José Henrique dos Santos, Costa Pereira, Julio Neuparth e Michel Angelo Lambertini, e dessas entrevistas escreve suas impressões, verdadeiramente interessantes, e que são belo subsidio para a historia da musica, em Portugal, que, diga-se, está por fazer.

São sobre tudo interessantissimas as entrevistas que descreve com o sr. marquês de Borba e com o sr. Michel



SALA DE MUSICA DE MICHEL ANGELO LAMBERTINI

dadeiramente inspiradas e dignas de figurar nos melhores concertos. Infelizmente poucas são conhecidas do publico, pois das 62 produções que se numeram neste livro, apenas 15 estão publicadas.

Se outros merecimentos não tivesse este livro, bastava, como dissemos, o subsidio que oferece á historia da arte para lhe dar valôr, mas a fôrma elegante como está escrito, orno-o uma obra literaria digna de ser lida e apreciada por quantos amam as belas-lettras portuguesas.

Com os nossos parabens, receba o sr. Alfredo Pinto (Sacavem) os nossos agradecimentos pela gentileza da sua apreciavel oferta.

C. A.

Come para viver,
pois não vives para
comer.

Tomada de Ceuta Falecimento de Albuquerque

II

«Desde o começo da monarchia os portuguezes na guerra contra os mouros saiam a combater no mar em suas galés, e por vezes a victoria tinha coroado seus esforços nas proprias aguas de Ceuta;...»
Resumo da *Historia da Geographia*, por L. P. d'A. Carreira, Coimbra, 1878.
«n'esta terra, devia tambem resolver-se a conquista de Ceuta.»
Estudos Historicos, Juridicos e Economicos sobre o municipio de Montemor-o-Novo por José Hilario de Brito Correia, Coimbra, 1874.

«CEUTA, outrora *Septa*, cidade de Marrocos, defronte de Gibraltar, pertence á Hespanha; 10:000 habitantes. E' o mais importante dos *presidios*. Praça forte. Bispado. — *Septa*, fundada sem duvida pelos Cartaginezes, recebeu uma colonia romana, tornou-se a metropole da Mauritania Tingitana, passou para o dominio dos Vandalos, depois para o dos Arabes e foi tomada pelos portuguezes em 1415; os Hespanhoes apoderaram-se d'ela em 1580 assim como de todas as possessões portuguezas. — Perto, ergue-se a montanha de *Ceuta*, antigamente *Abila*, a qual, com Calpe na Hespanha, formava as columnas de *Hercules*» (*Dictionnaire Universel d'Histoire et de Géographie* par M. N. Bouillet).

Como curiosidade, vou transcrever do dicionario de Moreri, edição hespanhola de Casadevante, 1753, o paragrapho que lhe respeita:

«CEUTA, ciudad y castillo de Africa, sobre el estrecho de Gibraltar; pertenece oy à los Españoles. Está en el Reyno de Fez, en la Provincia de Habat, y fué en otro tiempo cabeza de la Mauritania Tingitana. Llamaronla los Romanos *Civitas*, y Pomponio Mela *Septa*. Cree Ortelio que es la *Essilissa* ò *Exilissa* de Ptolomeo. Conquistaronla los Romanos de los Godos, segun Procopio; dominaronla despues los Arabes; y quitóla à los Moros el año de 1415, Juan I Rey de Portugal. Tiene oy una Iglesia Colegial que goza preeminencias de Cathedral; porque Ceuta y Tanger tienen Obispado sufraganeo al Arzobispo de Lisboa. Quando se apoderó de Portugal Phelepe II. Rey de España el año de 1580, pusó Gobernador Español en Ceuta, como en plaza muy importante y fuerte, y ademas de esto, vecina à España, de cuyo Reyno la separa solo el estrecho de Gibraltar. Cedieronla los Portugueses à España por la paz de 1658. Tuvieronla mucho tiempo bloqueada los Moros desde por los años 1690, sin poder hacerse dueños de ella. Está oy muy fortificada. Vasconcellos, in *Anaceph*. Marmol, l. 4, c. 55. Gramaya, l. 18, c. 7. Mireo, *Geograph. Eccl.* etc.

Na *Encyclopedie, ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, Lausana e Berne, 1779, acha-se definida com estes dados:

«CEUTA, *Géog.* cidade forte d'África, sobre a costa de Barberia, no reino de Fez, provincia de Hasbata, pertencente aos Hespanhoes; sustentou um sitio de mais de cinquenta anos contra os Mouros. *Long.* 17,10, *lat.* 33,36.»

Entremos, agora, na cidade contemporanea:

«Existe em Hespanha, ou antes nas colonias hespanholas, uma praça forte, Ceuta, que é ao mesmo tempo um presidio, não porque no interior dos seus muros haja penitenciarias onde os condemnados sejam detidos, mas sim porque estes, na maior parte, e em numero de tres mil, termo medio, consideram a cidade como se fôsse d'elles. Uns dedicam-se ao serviço domestico, outros saem para trabalhar, ou então para fazer negocios de compra, de venda ou proverem-se de materiaes, etc., ou tambem porque obtêm licença para sair da prisão, ou saem mesmo sem licença: realmente os prisioneiros andam quasi todos cada dia na rua, como diz um observador intelligente, testemunha ocular do que narra e em circumstancias que lhe permittiam observar bem, e acrescenta:

— Os prisioneiros andam por toda a parte, como as pessoas de bem, sem que ninguém repare, sem que fuja de os encontrar, qualquer que seja o sitio em que isso aconteça.

Mas ha mais do que isto, e é que as portas da casa de todos os habitantes de

Ceuta estão completamente patentes aos presidiarios, e mais particularmente onde ha meios para pagar um serviço conveniente.

O presidiario lava e engomma a roupa, sem perder mais peças do que uma lavadeira de boa fama.

O prisioneiro é empregado nos trabalhos domesticos que em Hespanha as mulheres geralmente fazem; vae fazer as compras, limpa e esfrega o sobrado, faz recados, vive em familia com os seus patrões, e o que é mais de admirar, trata com terna solicitude das creanças que se lhe confiam.

Ninguém pergunta a esses homens quaes fôram os seus delictos, mas toda a gente sabe que são culpados de assassinios, e de roubos com violencia por cousas e contra pessoas; e sabendo isto, enquanto o prisioneiro não commette nenhuma falta grave, toda a gente o chama bom prisioneiro, isto é, fiel, morigerado, trabalhador respeitoso e intelligente.

De tempos a tempos, o bom prisioneiro, como o gato vestido de seda da fabula, lembra-se do que é, sente despertarem-se appetites criminosos e rouba ou commette outra acção má; mas esses casos são pouco frequentes, e pela minha parte posso asseverar, que durante mais de um anno os presidiarios empregados no serviço domestico, que deram outra vez que fazer á justiça, não foram senão tres ou quatro.» (*O Ensino Carcerario e o Congresso Penitenciario Internacional de S. Petersburgo* por Ferreira — Deusdado — Lisboa, 1891).

Eis a cidade á qual se refere Gomes Eannes d'Azurara, nas seguintes palavras com que abre o capitulo 86.º da *Chronica d'El-Rei D. João I*:

«Vinte e um dias eram do mez de agosto quando andava a era de Adão, que é o anno do mun-

do em cinco mil cento setenta e seis annos hebraicos, e a era do diluvio em quatro mil quinhentos e dezeseite annos romanos, e a era de Nabucodonosor em dois mil cento e sessenta e dois, e a era de Philippe, o grão rei da Grecia, em mil setecentos e vinte oito annos, e a era de Alexandre, o grão rei de Macedonia, em mil setecentos e vinte seis, e a era de Cesar imperador de Roma, em mil e quatrocentos e cincoenta e tres, e a era de Nosso Senhor Jesus Christo, em mil quatrocentos e quinze, e a era de Alimus, o Egypcião, em novecentos e setenta e um, e a era dos Alarves em setecentos e noventa e tres, segundo os seus annos, cá os outros annos todos são romanos, e a era dos Persas em setecentos e oitenta e tres, e a era dos reinados d'el-rei D. Affonso o primeiro de Portugal em trescentos e treze, e o anno do reinado d'este rei D. João em trinta e dois dos annos solares, quando estava o sol em seis graus do signo de Virgo, e a lua sobre o primeiro quarto de seu crescimento, no primeiro grau dos dois gemeos que são Pollux e Castor, filhos de Leda, já passavam de sete horas e meia depois do meio dia quando a cidade foi de todo livre dos mouros...»

Depois de Aljubarrota (1385) e da paz com Castela (1411) ficou Portugal em tranquillo socoço e sem ter emprego facil para numerosos manobos, sonhadores de conquistas.

Os filhos do Mestre d'Aviz, Duarte, Pedro, Henrique, e Afonso, conde de Barcelos, este não legitimo, entraram n'aquelle ról.

Foi o vedor da fazenda, João Afonso, quem, ao ouvir os infantes em discussão de emprezas guerreiras, lembrou a expedição de Ceuta e que falassem no caso ao pae.

«Esta idéa, direi com Schaefer (*Historia de Portugal* traduit de l'Allemand por Bodin), cafu como poderoso reagente no espirito dos infantes, os quaes, logo se deram pressa em communicar a ao rei.»

Ouviu, João 1.º; pensou, reflectiu e concordou por fim.

Nenhuma especie de orientação, nenhuma na apparencia futil circumstancia deixou de abranger e de pesar, e bem assim enviou ao local quem pudesse colher elementos para lhe figurar em miniatura a posição da famosa Ceuta; o que, peritamente, logrou alcançar.

Não quiz, porém, empreender a execução antes de laudo aprovativo de duas pessoas do seu respeito e de prestigiosa incidencia fundamental, — Filipa, sua esposa e Nuno Alvares Pereira, o heroico e celeberrimo condestavel!

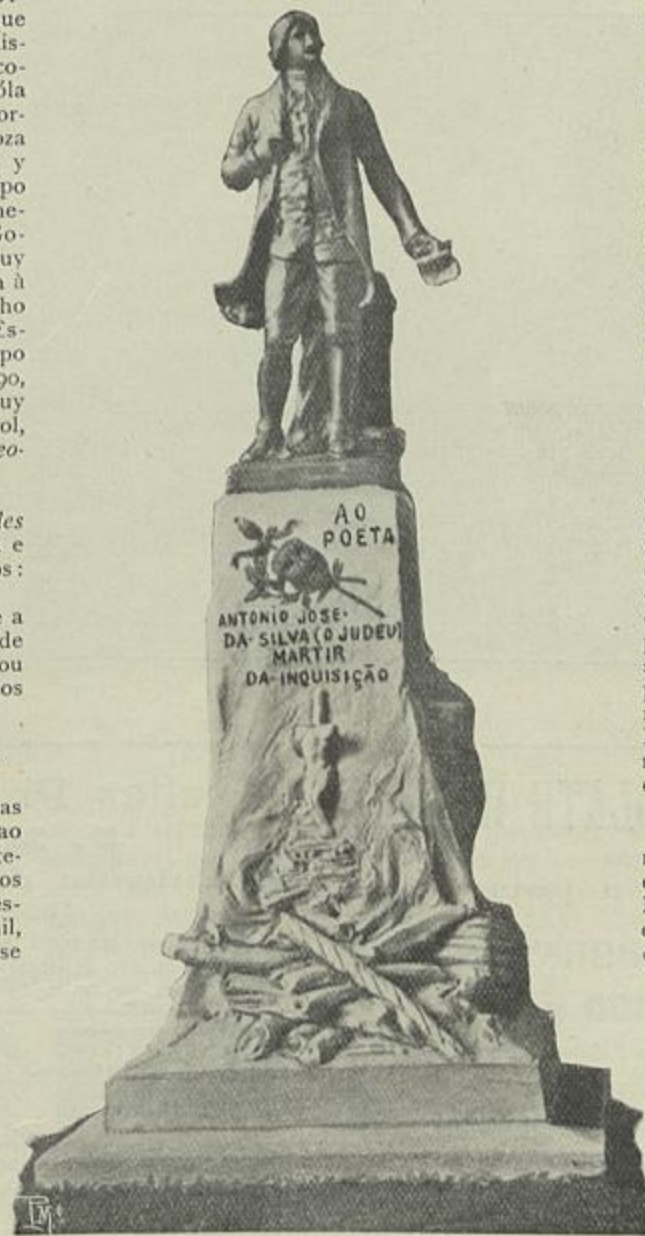
Incumbiram-se os filhos, Pedro e Henrique, da melindrosa missão.

«Quando os Infantes D. Pedro, e D. Henrique (*Memorias para a Historia de Portugal, que comprehendem o governo d'El Rey D. João I*, por Joseph Soares da Silva) derão parte á Rainha da jornada de Ceuta, e ella entendendo que elles só a fazião, não só lha approvou então, mas chegou depois a interceder com El-Rey para lhe dar licença; começaram estes, com o seu beneplacito, a prevenir-se como era necessario em semelhante empreza, em que se não gastou tão pouco tempo, que não passasse de tres annos, não por culpa daquelles, mas por attenção del-Rey, que não quiz entrar em tão grande empenho sem todas as disposições, que elle requeria, e que não poderão executar-se antes.»

Quanto ao condestavel, como o assunto era mantido sob reserva maxima, assentou-se uma entrevista, levada a efeito na historica vila de Montemor o-Novo, a pretexto de caçada e ahi, de facto, foi definitivamente resolvida a expedição, com pleno assentimento do insigne soldado, que nela tomou parte, juntamente com João 1.º e os distinctos filhos, que á lira impercível de Camões não escapariam mais tarde em preito imortal!

A's ondas se entregou, no asinho momento, o fundador da segunda dinastia portuguezá; e, entretanto, um só dia, grandioso e solenissimo dia, 21 de agosto de 1415, bastou de sobra para que a bravura indomita da gente lusa arvorasse as côres da sua bandeira, triunfante, nas muralhas da opulenta Ceuta!

D. FRANCISCO DE NORONHA.



MAQUETA DO MONUMENTO A ANTONIO JOSÉ DA SILVA O «JUDEU»

Foi o escultor Simões de Almeida (Sobrinho) encarregado pela Junta Liberal de fazer o projecto para o monumento a levantar ao celebre professor Antonio José da Silva e cujo lançamento da primeira pedra se deve realisar no dia 5 de outubro. Será este mais um trabalho notavel do distincto artista, e que deverá ficar concluido dentro de um anno.

Em pequena fonte se bebe á vontade.

Literatura estrangeira

Duas palavras ácerca da nova edição do romance de Affonso Daudet—Fromont Junior & Risler Senior.

A acreditadissima livraria Guimarães & C.^a — da rua do Mundo, 68 e 70 — acaba de prestar uma bella homenagem ao notavel escriptor francez Affonso Daudet publicando em edição completa o soberbo romance *Fromont Junior & Risler Senior*, encarregando d'essa traducção o nosso querido amigo e presadissimo collaborador Henrique Marques Junior que consciencioso como é em todos os seus trabalhos de traducção — e já não são poucos — nos apresenta o romance traduzido por inteiro, visto que a primeira edição, que de ha muito se acha exgotada, tinha paginas e trechos cortados o que dava a entender que o traductor trabalhava á jorna e por conseguinte o que queria era ganhar a quantia estipulada para

a traducção, ou o proprio editor que, vendo que o original dava mais do que as paginas marcadas para o volume, cortou a traducção por sua conta e risco.

Guimarães & C.^a, porém, não tiveram escrupulo algum em publicar-o sob o n.º 90 da *Coleção Horas de Leitura* embora forme um grosso volume de 272 paginas para ser vendido — como os 89 restantes volumes d'essa coleção — a vinte centavos.

O entrecho do romance — de que Adolpho Belot de collaboração com Daudet extraiu uma peça ha annos representada no Theatro D. Amelia (agora Republica) — é de mais conhecido para que o digamos aqui. Tem — e isso não pômos duvida em dizêl o — personagens magnificamente descriptos como: Fromont, Sidonia, Risler, Delobelle, Chêbe, Gardinsis e Desirée.

Em conclusão, é um romance traduzido em prosa corrente e que honra a casa Guimarães & C.^a pela sua edição e o traductor pelo seu trabalho.

Nós.

O MEZ METEOROLOGICO

Julho de 1913

Barometro — Max. altura 767^{mm}.5 em 30.
» Min. Altura 757^{mm}.4 em 12.

Termometro — Max. altura 39^o.4 em 19.
» Min. altura 14^o.2 em 8.

Registou-se no dia 19, a maior temperatura que se conhece em Lisboa. Até á data, a maxima tinha sido em 29 de julho de 1876 (38^o.8), o que quer dizer que este anno, excedeu de 0^o.6, a temperatura mais elevada desde 1856.

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 17 dias.
» Ceu nublado 14 dias.

Chuva — 0,6^{mm} em 29.

Horas de sol — 327 horas.

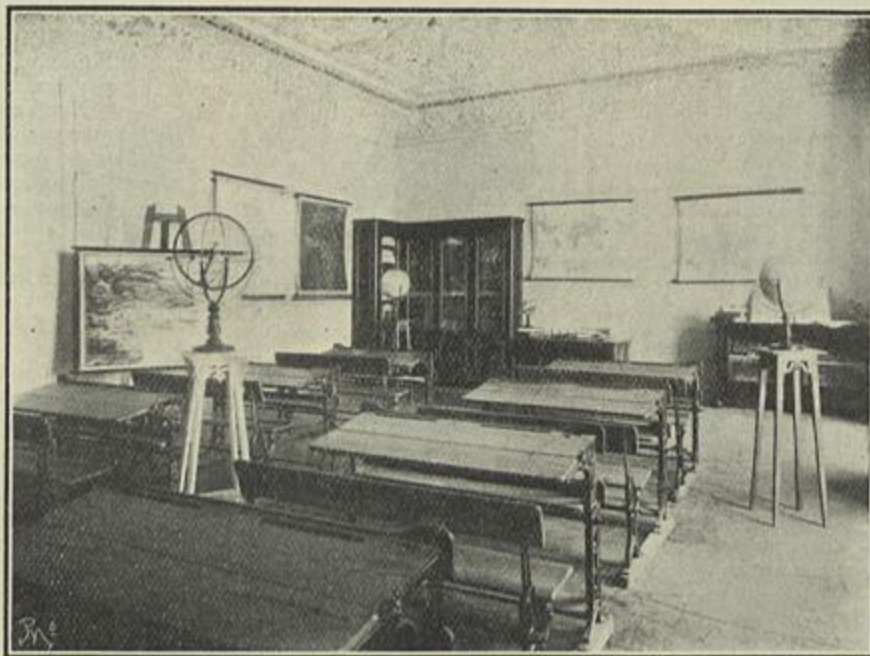
Escola Internacional

INSTITUTO DE ENSINO PRIMARIO E SECUNDARIO

Cursos especiaes de Commercio e Linguas Estrangeiras

Internato e semi-internato para o sexo masculino

e externato para os «dois sexos»



TELEPHONE 3653

53, Rua da Emenda, 53 - LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.^a

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

**CONTRA
A TOSSE**

**LAROE PEITORAL
JAMES**

Unico especifico contra tosses e brônchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C.^a, Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA
Cada pacote de 250 grammas. 200 réis
Cada lata " " " " 240 "

A' venda em todas as pharmacias